

ENSINO HÍBRIDO: O QUE OS GESTORES DE ENSINO SUPERIOR PRECISAM SABER

Ana Valéria Sampaio de Almeida Reis

Diretora de Inovação Acadêmica na Faculdade Santo Ângelo (FASA) em Santo Ângelo, Rio grande do Sul. É Doutoranda no Instituto de Investigação Interdisciplinar na Universidade de Coimbra, Portugal. Realiza pesquisas e presta consultoria em metodologias ativas de ensino, aprendizagem ativa, resultados de aprendizagem e avaliação.

anavale17@gmail.com

A pandemia foi o ponto de partida para que as instituições de ensino se dessem conta da relevância do uso de tecnologias educacionais como instrumentos de apoio e suporte à continuidade das aulas, como veículos de conhecimento e como estratégias de aprendizagem. Também podemos dizer que foi o *start* para que se dessem conta da relevância e do significado do ensino híbrido. No entanto, implementar um novo modelo de ensinar não significa necessariamente inovar ou compreender seu real significado.

O que é ensino híbrido?

O ensino híbrido, na concepção a que se dá destaque, é a mistura do ensino presencial com o ensino *on-line*, mas esse ensino *on-line* é a complementação do ensino presencial. O professor divide suas atividades de aula em uma aprendizagem de momentos presenciais e *on-line*. A ideia do ensino híbrido surgiu para atender às necessidades das escolas de ensino básico para, principalmen-

te, resgatar crianças que tivessem problemas ou dificuldades de aprendizagem e dificuldades de acesso à escola. Trata-se de um ensino mais personalizado, que de fato atendesse às necessidades específicas de cada criança. No entanto, a partir do momento em que essa ideia foi criando raízes, crescendo e se expandindo, houve muito progresso também nas tecnologias que acompanham essa concepção. E a ideia também chegou ao ensino superior, mas não se abandonou o conceito de que essa mistura do *on-line* com o presencial era para um ensino customizado e personalizado que continuasse atendendo aos estudantes no seu próprio ritmo de aprendizagem.

Fazer com que o *on-line* venha a complementar as atividades presenciais é justamente para que o estudante, no seu ritmo, consiga aprender os conceitos necessários a serem estudados para aplicação nas atividades práticas e para realização das atividades propostas pelo professor. Então, esse mix de *on-line* com presencial significa que o professor tem um controle sobre as atividades *on-line* que são realizadas pelos estudantes. Se não houver uma mínima possibilidade de acompanhamento do professor sobre essas atividades, não se caracteriza como ensino híbrido. O aluno até pode assistir a vários vídeos no YouTube recomendados pelo professor, ele pode entrar em plataformas de estudos e ali realizar uma série de atividades por conta própria, mas isso não se caracteriza como ensino híbrido propriamente dito, uma vez que o professor não tem acesso a que tipo de resultado esse aluno está alcançando. E fazer uso de alguma ferramenta digital em sala, pode ser apenas uma estratégia diferenciada de ensino, uma metodologia ativa, não hibridização do ensino.

Alguns autores definem o ensino híbrido como um programa educacional formal, no qual o estudante, pelo menos em parte por meio do ensino *on-line*, tem algum elemento de controle sobre o tempo, lugar, caminho e/ou ritmo de estudo. Percebe-se uma singela confusão entre as pessoas de que basta usar de ferramentas tecnológicas e delegar atividades extras aos alunos que o ensino híbrido está sendo aplicado.

O ensino híbrido é um programa de educação formal, planejado, em que ocorre a mistura do presencial com o *on-line*, e o aluno tem um ritmo de trabalho nesse *on-line*. Trata-se de um ensino que atenda às necessidades do estudante e que esse estudante consiga avançar no seu aprendizado e o professor, obviamente, tenha algum controle sobre esse aprendizado.

Mudanças em como a educação é pensada

A tecnologia sozinha não pode mudar a prática escolar. Para maximizar os benefícios da inovação tecnológica importa alterar a forma como se pensa a educação. Alguns modelos de ensino híbrido não alteram muito o formato da escola tradicional em sua estrutura, mas há melhorias no modelo estabelecido, ao que se chama formato sustentado. Nele o que mais se alteram são as ações do professor, suas escolhas metodológicas. Algumas se destacam mais que outras.

A sala de aula invertida, por exemplo, entre outros sugeridos por Horn e Staker, é o modelo de ensino híbrido mais usado nas instituições, uma vez que o professor delega atividades formais para o estudante no *on-line* e reserva as atividades práticas para o momento do presencial. Mas quando o professor delega essas atividades prévias para os alunos, ele tem controle sobre elas, uma vez que ele precisa saber como está a participação do aluno nessas atividades, seu engajamento e que nível de aprendizagem esse aluno está alcançando em relação aos seus objetivos. Então, ele acompanha o desenvolvimento do estudante, suas ações e as atividades propostas. E esse acompanhamento também ocorre nas atividades práticas na sala de aula, mas sem tirar a autonomia do estudante.

Essas alterações sustentadas raramente alteram a estrutura física da instituição, além do investimento em laboratórios mais modernos, salas mais coloridas com móveis diferenciados. Porém, existem modelos híbridos disruptivos, em que, por exemplo, o aluno estuda quase 100% no *on-line*, mas dentro do próprio espaço físico escolar, devidamente adaptado, sem salas de aula, em que ocorrem ações colaborativas, em que os alunos trocam ideias entre eles, porque estão próximos, estão em um contexto educativo, e existe a mediação do professor virtual e do professor físico. Os modelos disruptivos interferem na forma de pensar o professor que se vai contratar, nas instalações e, principalmente, nas experiências dos estudantes.

Personalização e ensino por competências

O objetivo de se fazer a mistura entre o *on-line* e o presencial é atender ao ritmo de aprendizagem dos estudantes, para que todos consigam alcançar níveis mais do que satisfatórios de aprendizagem. E simplesmente adotar o ensino *on-line* não significa que você esteja fazendo um ensino personalizado e customizado. A ideia da personalização no ensino híbrido vai além do investimento que muitas instituições estão

fazendo em equipamentos tecnológicos em sala de aula e em variados recursos digitais. Consiste em melhorar a qualidade de vida dos estudantes e fornecer acesso a oportunidades fora de seu alcance.

A ideia da implementação do ensino híbrido, com foco na personalização e na customização é para diferenciar a escola tradicional que padroniza o ensino, ensina a mesma coisa no mesmo ritmo e no mesmo nível para todo mundo, é o modelo de escola industrial que tem o foco no conteúdo e na transmissão desse conteúdo. O ensino híbrido veio para quebrar tudo isso. Se as pessoas aprendem em ritmos diferentes e modos diferentes, temos de utilizar estratégias que acompanhem esses ritmos e diferenças de aprendizagem. O ensino híbrido tem de estar planejado em todo o contexto curricular da instituição e da aula do professor.

A IES precisa estar preparada para compreender esse conceito do ensino híbrido, capacitar seus professores, reestruturar toda a sua matriz curricular e avaliar todos os riscos e viabilidade financeira de instituir um modelo híbrido. Se o gestor deseja que sua instituição seja inovadora e não mais tradicional, ele precisa se questionar sobre suas metas entre apenas melhorar a saúde financeira da instituição ou qualificar a oferta da educação ou combinar as duas.

Outra característica relevante do ensino híbrido é estar baseado no ensino por competências e com diferentes estratégias e critérios de avaliação, com indicadores que auxiliem o professor e o aluno quanto aos resultados que estão sendo alcançados. Em um processo de avaliação constante e contínua, o olhar do professor sobre o aluno é diferente e o olhar do aluno sobre si mesmo também muda.

Alguns pontos precisam de atenção:

- Como a instituição se identifica com os novos modelos educativos que surgiram nesses últimos anos?
- Como ela se identifica com o uso de tecnologias digitais?
- Como a estrutura física vai se adequar a todas as mudanças necessárias?
- Qual vai ser o custo dessa inovação?

- Quais são os riscos associados a todos esses itens se não os fizer de uma forma bem pensada e bem planejada e, ainda, como capacitar os docentes, e preparar um corpo administrativo e financeiro que precisam ter uma nova mentalidade? E mais ainda:
- Como receber e preparar o estudante que vem para uma IES com ensino híbrido? O estudante tem noção do que significa uma instituição de ensino híbrido, de que tem de cumprir com suas responsabilidades no ensino *on-line*?

No Brasil ainda não há o modelo de ensino híbrido aprovado pelo MEC, além de uma autorização de uso de 60% de ensino presencial e de até 40% para o ensino a distância, em instituições de ensino presencial. Cabe a IES administrar esses percentuais no currículo.

Com o retorno às aulas presenciais, ao que se nomeia momento pós-pandêmico, currículos, métodos e modelos de avaliação, tanto nos momentos do *on-line* quanto no presencial, exigirão gestores, corpo administrativo e docentes conscientes da tarefa de recuperar o que se perdeu neste momento de ausência no campus, de interação entre os estudantes com tudo e com todos. Será preciso avaliar o impacto das escolhas tecnológicas sobre o aprendizado dos estudantes, a atitude dos docentes e os resultados alcançados.

Há que se pensar no que o distanciamento social e psicológico influenciou nas percepções e compreensões entre estudantes e professores. Restaurar a comunicação que muitas vezes foi o objeto do distanciamento entre eles será a medida da qualidade, do impulso, da motivação e do compromisso do estudante com sua formação.

Se pararmos para pensar que a educação é ubíqua (onipresente), necessariamente ela é híbrida. Basta que todos os envolvidos estejam interessados, principalmente, nas melhorias da prática docente, nas mudanças das experiências dos estudantes e que estejam abertos às novas alternativas, até as não convencionais, de ensino.